

Juventude e Tecnologias de Comunicação: Um lugar para pensar o Ensino, a Pesquisa e a Extensão

Benedito Dielcio Moreira¹

Resumo

Este texto traz como proposta uma discussão sobre a noção do tripé que sustenta a construção do conhecimento em uma universidade: ensino, pesquisa e extensão. Com base na experiência decorrente das atividades de dois projetos de intervenção junto a jovens de 12 a 18 anos, “Comunicação e Cultura Científica. Tocando o Futuro: uma experiência de linguagem audiovisual” e “Comunicação Social e Educação Popular de Jovens: um desafio para o SUS”, o ponto central deste texto é que o tripé, tal como é pensado, supõe que, ao final, seja qual for o nível de relação entre estas áreas, necessariamente desembocará na formação humanística e técnica dos estudantes universitários. Os dois projetos acima mencionados buscam reconhecer os seus públicos como sendo sujeitos sociais decisivos no processo comunicacional. Mola mestra na constituição dos dois programas, a comunicação é pensada como elemento indissociável da educação e da cidadania, dois objetivos centrais de uma instituição universitária pública. Neste sentido, entendemos que o ensino, a pesquisa e a extensão não devem ser pensados como caminhos distintos que se encontram em algum momento na formação do aluno, mas como um único processo, sinérgico; como condição para uma experiência universitária plena.

Palavras Chave: Jovens. Comunicação. Ensino. Extensão. Pesquisa. Universidade.

¹ Doutor em Educação pela Universität Siegen, Alemanha, professor do Departamento de Comunicação Social da UFMT.

Youthfulness and Technologies of Communication: A place to think Education, Research and Extension

Abstract

This article brings as proposal a discussion about the notion of the tripod that sustains the construction of knowledge at a University: education, research and extension. Based on the experience derived from activities from two projects of intervention together with teenagers from 12 to 18 years old, "Communication and Scientific Culture". Touching the Future: a audiovisual language experience" and "Social Communication and Teenagers' Popular Education: a challenge for SUS", the main point of this text is that the tripod, as it considered, suppose that, at the end regardless the relation between these areas, will necessarily discharge in the university students' humanistic and technical formation. Both projects cited above look for to recognize their public as being decisive social subjects in the communicational process. Master spring in the constitutions of both programs, communication is thought as an in dissociable element in education and citizenship, two main objectives of a public university institution. In this meaning, we understand that education, research and extension should not be considered two distinct ways that converge in a moment of the student's formation, but as a unique process, synergic; as a condition for a broad university experience.

Keywords: Teenagers. Communication. Teaching, Extension. Research. University.

Juventud y Tecnologías de la Comunicación: un lugar para pensar la enseñanza, la investigación y la extensión.

Resumen

Este texto tiene como propuesta una discusión sobre la noción del trípedo que sostiene la construcción del conocimiento en una universidad: docencia, investigación y extensión. Basado en la experiencia de actividades realizadas en dos proyectos de intervención con jóvenes de 12 a 18 años, "Comunicación y Cultura Científica. Tocar el futuro: una experiencia del lenguaje audiovisual" y "Comunicación Social y Educación Popular de Jóvenes: un recto para el SUS", el punto central de este texto es que el trípedo, tal como es pensado, supone que, al final, independiente del nivel de relación entre estas áreas, necesariamente conducirá a la formación humanística y técnica de los estudiantes universitarios. Los dos proyectos mencionados buscan reconocer sus públicos como siendo sujetos sociales decisivos en el proceso de comunicación. Punto central en la constitución de los dos programas, la comunicación es pensada como elemento inseparable de la educación y de la ciudadanía, dos objetivos centrales de una universidad pública. En este sentido, entendemos que la enseñanza, la investigación y la extensión no deben ser pensadas como caminos distintos que se encuentran en algún momento en la formación del estudiante, sino como un único proceso sinérgico: como condición para una experiencia universitaria completa.

Palabras clave: Jóvenes. Comunicación. Enseñanza. Extensión. Investigación. Universidad.

Introdução

É inegável a importância do conhecido tripé que sustenta a noção de universidade: ensino, pesquisa e extensão. Há o reconhecimento, inclusive, do caráter indissociável deste tripé, ou seja, o “de que o ensinar e o aprender pressupõem, necessariamente, o trabalho de investigação e a presença do aprendiz no mundo em que ele está inserido” (Goulart, 2009). O nosso propósito, no entanto, não é discutir a validade ou não destes pilares, mas, sobretudo, refletir sobre este tripé em uma universidade que está diante de um novo mundo, redesenhado pós-mundialização da cultura (Ortiz, 1994, p.1997), pós-WEB, com os novos aparatos convergentes de mídias e de culturas (Jenkins, 2008) e pós-surgimento dos “nós” controladores dos fluxos comunicacionais nas redes (Castels, 2001).

Neste trabalho, a intenção é discutir esta noção de universidade a partir das experiências obtidas, especialmente, na coordenação de dois projetos de intervenção, conduzidos com a participação de professores, servidores técnicos e alunos dos cursos de Comunicação Social e Saúde Coletiva, da Universidade Federal de Mato Grosso: “Comunicação e Cultura Científica. Tocando o Futuro: uma experiência de linguagem audiovisual” e “Comunicação Social e Educação Popular de Jovens: um desafio para o SUS”. A noção de tripé sugere que, necessariamente, em algum momento, os três pilares irão convergir para um único ponto. Ocorre que, diferentemente da instalação de um tripé que começa com a liberação das três hastes a partir de um dispositivo que as une e dá sustentação, as três áreas da universidade desencaixam-se de um ponto, instalam-se separadamente e assim permanecem, embora, acredita-se, em algum momento voltarão a se encontrar.

Diante disso, duas questões se mostram emergentes: (1) como estes três pilares podem permitir um diálogo mais horizontal, desprendendo-se da idéia verticalizada de diálogo que a própria concepção de tripé sugere, especialmente a de que o diálogo necessariamente vai se dar em sua plenitude no ápice da formação universitária; (2) a universidade é convocada a *derrubar* os muros da instituição e se revelar à sociedade. Há neste desafio não apenas o pressuposto da transparência e da aplicação de recursos públicos, mas o chamamento da extensão enquanto instrumento de uma relação institucional e propositiva da universidade com a comunidade da região onde está instalada.

Sobre a primeira questão, a do diálogo horizontal entre os três pilares, há muito a noção de ensino migrou da transmissão de conhecimentos para a construção conjunta do saber. Trata-se de um modelo que solicita o envolvimento de todos os agentes, o que subverte por completo a concepção bancária de educação (FREIRE, 1978, p. 197). Olhar, portanto, a extensão como um caminho, a pesquisa e o ensino como outros caminhos que, ao final, desembocam no mesmo lugar - o tripé da formação humanística e técnica do universitário - tanto sugere uma chegada previamente demarcada, como tornam hegemônicas as intersecções que se formam, ou que deveriam se formar ao longo dos trajetos.

A questão da separação destas três áreas está longe de ser apenas didática: ela é de concepção, e está na organização e na documentação dos resultados. Embora se encontrem em diferentes momentos e de diferentes formas na trajetória acadêmica, estas três áreas muitas vezes parecem que estão se recompondo, como em uma amálgama, mas na maioria das vezes apenas se cruzam: cada uma trafega em seus próprios trilhos. Neste sentido, olhar o desempenho de uma instituição pela *performance* apresentada individualmente pelos pilares embaça a visão do conjunto. Mesmo quando os resultados obtidos por cada pilar são colocados lado a lado, exibindo resultados positivos, os números alvissareiros deixam escapar, isto é, não comportam as experiências, positivas ou não, dos agentes envolvidos, que são, em última instância, a razão de ser dos projetos educacionais. Este modelo enclausura a experiência extensionista e restringe a circulação de informação. Paradoxalmente, privilegia o conhecimento tácito em uma instituição reverenciada pelo poder de gerar conhecimento explícito.

Sobre a segunda questão, a que reclama o envolvimento da universidade com a comunidade, algumas ações ganham visibilidade, tais como a devolução dos resultados obtidos pelo pesquisador aos sujeitos de uma pesquisa, políticas de popularização da ciência, aporte de recursos e pessoal para os escritórios de inovação tecnológica e a utilização das redes sociais em interações cada vez mais horizontais. De fato, há novos empreendimentos de relacionamentos com a sociedade colocados em prática, mas a atividade extensionista ainda continua sendo a grande responsável pela interlocução da universidade com parcelas significativas da sociedade.

Um caso recente nos auxilia no que intencionamos aqui discutir. Fomos a campo entre 2010 e 2013 para desen-

volver atividades de extensão e pesquisa vinculadas aos projetos acima mencionados. O projeto de Comunicação e Cultura Científica foi desenvolvido junto a jovens estudantes do Ensino Básico na zona rural de Cuiabá, e também na zona rural dos municípios pantaneiros de Barão de Melgaço, Santo Antonio de Leverger e Nossa Senhora do Livramento. Já o projeto de Educação Popular em Saúde e Comunicação Social foi desenvolvido junto a jovens vinculados às Unidades de Saúde da Família em um bairro com inúmeras carências de infraestrutura, nas proximidades do centro de Cuiabá, e na cidade de Nossa Senhora do Livramento.

Para desenvolver nossas atividades, estávamos preparados para encontrar crianças e jovens com problemas de rendimento escolar, isolamento, sexo precoce e alcoolismo, entre outras questões sociais que marcam as comunidades mais isoladas. Esperávamos encontrar crianças e jovens também excluídos do acesso às novas tecnologias. E os encontramos, por certo, vivenciando os já conhecidos problemas sociais decorrentes da ausência do Estado. Porém, em relação aos aparatos tecnológicos de armazenagem e comunicação, a situação se mostrou bem distinta. A maioria dos jovens tem a posse de seu celular – ainda que de modelos mais simples - e muitos utilizavam este aparelho para navegar na Internet, filmar e montar enredos domésticos, armazenados ou em computadores pessoais ou em máquinas de laboratórios de informática das escolas públicas locais.

Ao invés apenas de levar conhecimentos e documentar a experiência, motivações iniciais do projeto, nos vimos no centro de uma relação institucional para a qual nem todos estavam preparados. Éramos todos, técnicos, professores e estudantes querendo ensinar e abertos para aprender, era a universidade em ação, cara a cara com a população, sem muros, sem hierarquia e sem beca. A universidade em ação estava presente nas trocas entre universitários e participantes dos projetos e nas falas das autoridades e servidores municipais, dos professores e dos alunos das escolas locais. Estava no acontecido. Porém, documentar este processo e oferecer um relato à instituição enquanto experiência de relacionamento institucional não parece algo com o qual o extensionista ou o pesquisador deva se ocupar, embora, quando em campo, objetivamente é isso que ocorre. Os relatos de campo se referem às atividades extensionistas propriamente ditas, estão vinculados exclusivamente ao objeto e objetivos do projeto, e não como ocorreu a experiência como um todo. Não constitui sua preocupação, tampouco seu objeto, a presença da Instituição no campo, sua imagem

e compromisso. Ele, o extensionista, é porta-voz do projeto, não da Instituição que o patrocina.

Paulo Freire (1983) discute a ideia do termo extensão como sendo o ato de “estender algo a”. Conforme argumenta, quem estende, estende algo, estende alguma coisa ou algo até alguém. No entendimento deste autor, um extensionista, por analogia, estende seus conhecimentos, coloca ao alcance do outro “seus conhecimentos e suas técnicas”. Por associação, diz Freire, extensão é “transmissão”, é o “sujeito ativo” que estende, é o “conteúdo” estendido, é o “recipiente” que transporta o conteúdo. É o ato de “entrega”, é tirar algo de dentro e colocá-lo para fora. Serve inclusive como jogo de poder. Se este pensamento fazia sentido nas décadas de 1960-1980, dado à total verticalização da comunicação de massa, ao autoritarismo marcante dos governos militares, em especial na América Latina, e à forte presença da escola como sustentáculo do conhecimento, hoje esta análise requer outros atributos.

Jezine (2006) lembra que o modelo de extensão universitária implantado no Brasil e na América Latina foi importado do “modelo norte americano da multidiversidade” que, entre outras coisas, conclama a universidade a participar das problemáticas regionais, em especial das necessidades dos grupos mais populares. E foi ainda, insiste Jezine, por decorrência de um sistema que privilegia o capital e exclui quem dele não participa, que a extensão incorporou-se à universidade. Em se tratando de aparatos tecnológicos de informação e comunicação de uso doméstico, especialmente as tecnologias móveis, o modelo de consumo instalado favorece o acesso e a manipulação do artefato. Parece ser um modelo inclusivo. No entanto, a exclusão, oculta, se revela na convivência, nas trocas, no duplo caminho de ensinar e aprender.

Na experiência de convivência com estas comunidades, muitas perguntas ainda estão sem respostas. Três delas, no entanto, são inquietantes: como crianças e jovens com recursos financeiros escassos, equipamentos tecnológicos ultrapassados e sem a presença de jovens ou adultos mais preparados¹ puderam se tornar editores de histórias? Por que este potencial criativo, gerador de conteúdo, não é aproveitado pela Escola Básica? Ou, ainda, como esta expe-

¹ Vygotsky chama de Zona de Desenvolvimento Proximal o aprendizado das crianças na relação com as pessoas que estão em sua proximidade. “Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (Vygotsky, 2002, p.112).

riência de extensão, resultante da convivência com crianças e jovens, professores e agentes de saúde e o aprendizado decorrente do relacionamento com estes públicos, podem ser convertidos em aprendizado de relacionamento da universidade com a população e em atividades de ensino e de pesquisa?

É importante destacar que, na prática, o que aconteceu ao longo das atividades desenvolvidas nestas comunidades foi troca de saberes, de afetos e de expectativas: a execução dos projetos não foi meramente uma atividade universitária “fora da sala de aula”, foi um encontro, para todos nós, do ensino com a aprendizagem, como diz Paulo Freire nesta passagem:

Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido apreendido a situações existenciais concretas (FREIRE, 1983, p.15).

Neste sentido, concordamos com Goulart (2004) quando afirma que a extensão deve ser vista como parte de um processo de ensino e não como “algo que acontece fora da escola”, ou seja, um tipo de prestação de serviços da universidade para a sociedade. A idéia aqui contida defende a extensão não como uma opção de professores e alunos sensibilizados com o outro e suas carências, mas como parte do aprendizado que supõe ouvir o outro e com ele interagir, cada um com a sua história e os seus saberes. Isso quer dizer que a atividade extensionista não é um ato de bondade ou compaixão. É, sobretudo, parte do aprendizado de qualquer universitário que tenha o outro como centro de suas atenções, como é o caso, principalmente, das ciências médicas, humanas e sociais. Extensão, assim pensada, não é o ato de estender algo. É diálogo (DUARTE, 2008). É troca de saberes.

O próprio Paulo Freire defende: o conhecimento requer uma ação transformadora sobre a realidade. Para ele, o conhecimento promove a invenção e a reinvenção. O conhecimento “reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato” (FREIRE, 1983). E completa: o conhecimento exige a

participação de sujeitos. Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. “E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE, 1983).

O conhecimento acumulado em comunicação aponta para a horizontalização das relações entre as organizações e seus públicos como condição de diálogo em um mundo cada vez mais interconectado. Uma das críticas da sociedade à universidade é a incapacidade de romper o seu estado ensimesmado, seja no mundo real ou virtual: ágil e propositiva na interlocução com os pares, lenta e incompreensível na interlocução com a comunidade. No entanto, a ação extensionista não é outra coisa senão o rompimento deste casulo. Como há um desconhecimento de que isso ocorre e como ocorre, a experiência fica restrita aos agentes envolvidos. O aprendizado não é devidamente compartilhado. Por outro lado, é muito forte ainda no interior das universidades a ideia de que a ação extensionista é algo menor, inferior à ação de pesquisa.

É ainda marcante a ideia de que a extensão é um trabalho de apoio e de doação aos desafortunados, como é também o exercício de poder para quem detém o conhecimento. É certo que o fascínio pelo poder sobre outras pessoas possa se manifestar na atividade extensionista, como de resto em toda atividade humana. Hoje, porém, a diversidade de informações e os muitos canais de conexão com as diferentes realidades reclamam por reflexões desprendidas dos pensamentos binários. Duarte (2008), por exemplo, ao tratar da atividade de pesquisa, se beneficia de categorias como “Mobilização”, “Parceria” e “Protagonismo” para pensar um diálogo aberto e constantemente realimentado entre os sujeitos envolvidos em uma pesquisa. Com a extensão e o ensino não pode ser diferente: os envolvidos devem ser parceiros, protagonistas, mobilizados por um objetivo comum. E longe de ser uma utopia ingênua, este processo é condição de aprendizado.

Comunicação, Infância e Juventude

A circulação mundial de informações tanto mostra a diversidade de culturas quanto fortalece a mundialização de culturas economicamente mais fortes. Para Ortiz (1994), os sintomas desta mundialização estão manifestos no co-

tidiano: “Marlboro, Euro Disney, *Fast-food*, Hollywood, chocolates, aviões, computadores, são os traços evidentes de sua presença envolvente. Eles invadem nossas vidas, nos constroem, ou nos libertam, e fazem parte da mobília de nosso dia-a-dia” (Ortiz, 1994:8). O que até os anos de 1980 e 1990 eram parte de nossa convivência doméstica, como os aparelhos de televisão, de som, de DVD e telefonia agora carregamos no bolso. A convergência das mídias em um só aparelho móvel traz a diversidade de meios ao alcance das mãos, amplia a autonomia do consumidor, mas também estabelece padrões de consumo e fortalece a onipresença dos traços das culturas mais hegemônicas. Este processo oculta a presença e o poder dos conectores (CASTELLS, 2001), aqueles que decidem o que deve ser informado e o que deve ser entretenimento.

Os meios de comunicação e as tecnologias da informação estão cada vez mais entalhados no cotidiano, na vida social e, conseqüentemente, na educação, sobretudo de crianças e jovens. De acordo com Thompson (1998), em uma sociedade complexa como a atual, o cidadão já não mais consegue interagir sem o intermédio dos meios de comunicação. Segundo Thompson, para que o homem compreenda as transformações culturais associadas ao surgimento da sociedade moderna, deve reservar um papel importante ao desenvolvimento da mídia e ao seu impacto. Para este autor, entender o impacto social do desenvolvimento das novas redes de comunicação e do fluxo da informação necessita que abandonemos:

[...] a idéia intuitivamente plausível de que os meios de comunicação servem para transmitir informação e conteúdo simbólico a indivíduos cujas relações com os outros permanecem fundamentalmente inalteradas. O uso dos meios de comunicação gera novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo (THOMPSON, 1998, p. 13).

Braga e Calazans (2001, p.18) relacionam três razões fundamentais para a importância das mídias hoje: 1. Os meios audiovisuais, enquanto fenômeno sócio-histórico, foram além dos seus “objetivos sociais e de conhecimento”, pois ajudaram a “perceber, objetivar e problematizar os processos comunicacionais”; 2. Com a centralidade na intera-

ção social, os meios de comunicação produzem sentidos compartilháveis, dotando a sociedade de “um vasto aparato tecnológico, empresarial, cultural e profissional voltado especificamente para veiculação de mensagens e para a produção de efeitos de fruição estética e de entretenimento”; 3. A presença dos meios de comunicação nas sociedades atuais tornou habitual a “conversação social”, que se realizava somente em “outros espaços organizados de funcionamento social: política, educação, artes, economia, produção cultural, interações culturais – modificando-os”.

As crianças e jovens das regiões rurais do entorno de Cuiabá e da região pantaneira envolvidos com os projetos de produção de vídeos “Tocando o Futuro” e “Comunicação e Educação Popular em Saúde” anteriormente identificados dão a medida da importância que a comunicação exerce hoje na sociedade. Os resultados obtidos com os projetos reconhecem também a ideia de que a comunicação tem hoje na sociedade uma importância visceral. E é exatamente a complexidade dos elementos envolvidos neste processo comunicacional da Instituição universitária com a comunidade que cobra da universidade um entendimento contínuo, horizontal e aprofundado entre as atividades de ensino de pesquisa e de extensão. A questão, no entanto, é como avançar sinergicamente neste processo.

Os projetos de produção de vídeos e de saúde popular têm em comum o entendimento de que não vemos a realidade apenas com os nossos olhos. Como também não vemos apenas uma realidade, mas muitos mundos que nos chegam e tantos outros que nós construímos a partir do entendimento que temos deles (GOODMAN, 1995). Como já destacado em outro momento, além da mediação das mídias, que olham o mundo a seu modo, com seus princípios, conceitos e tecnologias, e nos transmitem o que julgam ser de nosso interesse (MOREIRA, 2007), os nossos entendimentos são também mediados pelos grupos sociais que nos cercam.

Paulo Freire, quando pensa a condição elementar da comunicação nas relações entre as pessoas, no sentido horizontal, da igualdade, do compartilhar, traz para o interior do sistema educacional um modelo democrático, de diálogo. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1979, p. 69). As tecnologias, para Freire, não devem ser simplesmente utilizadas, mas devem ser apropriadas, estudadas, refletidas, para que sirvam ao processo de cultura e de educação.

Considerações Finais

A infância e juventude são momentos na vida das pessoas essencialmente de descobertas, de busca de conhecimentos. Estes conhecimentos, por sua vez, chegam aos jovens e às crianças por meio de facilidades empreendidas, sobretudo por adultos, estejam eles nas escolas, no sistema midiático, nas famílias ou na comunidade. Nestes dois momentos há uma intensa interação com outros jovens, com outras crianças, com as tecnologias de informação e conteúdos midiáticos: são momentos de comunicação, de diálogo. Como crianças e jovens não mais olham o mundo apenas com o suporte dos olhares de seus pais e de pessoas mais próximas, mas faz isso também com o auxílio de atores midiáticos, os projetos de produção de vídeos e de comunicação e saúde buscam tanto capacitar jovens e crianças para o uso das potencialidades oferecidas pelas novas tecnologias como alcançar as diferentes leituras, ao modo proposto por Certeau (1994) e Verón (2004): como se articulam a produção e a recepção dos discursos midiáticos?

As atividades desenvolvidas durante um projeto, sejam elas de pesquisa ou de extensão, estão intimamente ligadas ao ensino, pois complementam as aulas teóricas e as práticas de laboratório. Quando estão em campo ministrando oficinas, filmando e fotografando com jovens e crianças, ou moderando grupos focais e entrevistando pais e professores, alunos e professores universitários estão simultaneamente abertos ao que se oferece na prática da interação e questionando o aprendido. Além disso, representam a universidade na comunidade. Cumprem um papel institucional, ainda que isso não seja de todo reconhecido. Por cumprimento de um papel institucional entendemos que ao tempo em que desenvolve sua atividade junto à comunidade, o extensionista ou pesquisador está também representando a Instituição. A não consciência desta responsabilidade significa separar o que não é separável. Por meio das atividades desenvolvidas por seus alunos, técnicos e professores, a Instituição difunde conceitos, ações e constrói sua identidade junto à comunidade.

As experiências decorrentes dos projetos de comunicação e saúde e de produção de vídeos reafirmam a convicção da importância da comunicação na sociedade contemporânea e procura tornar uma só unidade as atividades tidas de ensino, pesquisa e extensão, não no sentido de que elas se complementam, mas com a ideia de que precisam

estar vinculadas a um único processo. O problema é como unir o que nasce, vive e vira relatórios separados. Buscar um diálogo mais horizontal entre o ensino, a pesquisa e a extensão, distante da concepção atual de tripé, não é apenas um reajuste da universidade aos novos tempos centrados na comunicação e nas tecnologias de informação ou mesmo uma urgência de adequação do aprendizado universitário aos reclamos da sociedade, mas, acima de tudo, praticar a derrubada dos muros que sempre mantiveram as universidades em casulos seguros e impenetráveis.

Esta ideia de diálogo horizontalizado remete a outras questões igualmente importantes: como envolver a comunidade nos projetos da universidade, como tornar a experiência de envolvimento do extensionista e do pesquisador com a comunidade acessível a outros estudantes e como promover consciência do valor institucional quando se está em atividades de campo. Por certo não temos as respostas, todavia as experiências com os projetos de comunicação e saúde e de produção de vídeos nos permitem alguns encaminhamentos, como proposta de discussão e crítica. Uma primeira proposta, já adotada por inúmeros pesquisadores e extensionistas, é a organização de um evento na comunidade onde o projeto foi desenvolvido, por meio do qual os participantes da comunidade, vizinhos e os demais moradores do entorno possam conhecer o que foi feito. Sobre isso, os nossos projetos são concluídos nas comunidades em forma de discussões e apresentações de resultados.

Um segundo encaminhamento é detalhar o projeto e seus resultados, além de documentar a experiência dos acadêmicos e de integrantes da comunidade. Este material reunido pode ser formatado em mídias impressa e digital e ser distribuído na universidade e na comunidade, principalmente. Este é um caminho que adotamos no fechamento dos dois projetos. Alunos, técnicos e professores preparam um relato de suas experiências em linguagens audiovisual e escrita. Este material tanto é compartilhado no interior da universidade como disponibilizado para as escolas, prefeituras e postos de saúde das localidades envolvidas.

Outro procedimento, a nosso ver interessante, é instituir nos cursos graduação envolvidos fóruns de projetos desenvolvidos ou em desenvolvimento, mecanismos por meio dos quais os participantes e demais alunos poderão tanto conhecer metodologias e procedimentos relacionais em campo quanto questionar e criticar, sugerir modos de ação. Para cada projeto, e no formato segundo as características do público parceiro, produzir um material institucional da

Universidade, para que a comunidade conheça melhor a Instituição e o próprio projeto no qual figurará como sujeito integrante. Por fim, sensibilizar as pró-reitorias para encampar a realização na Universidade de uma feira de extensão, na qual os principais sujeitos são os extensionistas e os membros das comunidades parceiras.

A união desses esforços pode levar à institucionalização de um processo por meio do qual o extensionista ou o pesquisador possa de um modo mais efetivo e planejado compartilhar com seus colegas as experiências de sua atividade, assim como a comunidade se reconhece na “derrubada do muro”, como também a própria Instituição se reconhece contemplada no esforço de interação e trocas. Pelos textos apresentados em congressos, relatórios de campo e conversas informais, podemos perceber que os acadêmicos envolvidos no ensinar, no fazer e no documentar o realizado crescem como estudantes, como seres humanos e como pesquisadores. A lacuna está ainda na não inserção no ensino, em forma de seminários ou disciplinas optativas. Em outros termos, este tripé pede um tempo para reflexão, para avaliação. O estabelecimento de pontos de parada comuns em salas de aulas, em auditórios e comunidades pode ser mais do que o começo de uma nova conversa, pode ser o princípio do aprendizado de uma ação coletiva e sinérgica, por isso transformadora.

Referências

- BRAGA, Jose Luiz, CALAZANS, Maria Regina Zamith (2001). Comunicação e Educação: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker
- CASTELLS, Manuel (2001). A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1, 5º ed. São Paulo: Paz e Terra.
- CERTEAU, Michel de (1994). A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes
- DUARTE, Silvia Sell. Ações de Extensão: trabalho solitário ou possibilidades de conexões entre ensino e pesquisa? In

Revista de Extensão – PROEC - EXTENSÃO EM FOCO / Universidade Federal do Paraná. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Coordenadoria de Extensão; editora Gláucia da Silva Brito, n.2, 2008-(Curitiba): Editora UFPR, 2008. (Revistas da UFPR; n.188)

FREIRE, Paulo (1978). Educação como Prática da Liberdade. 8º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra

FREIRE, Paulo (1979). Pedagogia do Oprimido, 7º ed. Rio de Janeiro: paz e Terra.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Tradução: Rosisca Darcy de Oliveira. 7º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 páginas

FREIRE, Paulo (2002). A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 43º ed. São Paulo: Cortez

GIACHETI, Linair de Jesus Martins. José Reis: a ciência que fala. São Paulo: Annablume, 2006

GOODMAN. Nelson (1995). Modos de Fazer Mundos. Trad. Antonio Duarte. Porto-PT: Edições Asa.

GOULART, Audemaro Taranto. A Importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica. In: Horizonte, v.2, n.4, p.60-73. Belo Horizonte: 1º semestre de 2004. Disponível no endereço: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/580/611>. Acesso em 10.06.2010.

JENKINS, Henry. A Cultura da Convergência. São Paulo. Aleph, 2008

JEZINE, Edineide. A Extensao Universitária Como uma Prática Social. In: La Asociación Latinoamericana de Sociología Rural, 2006. Disponível no endereço: <http://www.alasru.org/cdalasru2006/15%20GT%20Edineide%20Jezine.pdf>. Acesso em 14.06.2010.

MOREIRA, Benedito Dielcio. Menschliche Entwicklung und soziale Inklusion erfordern eine differenziert (re) Sicht

auf unsere gesellschaft. In: BENITES, Maria, FICHTNER, Bernd. Vom Ungang mit Differenz: Globalisierung und Regionalisierung im interkulturellen Diskurs. Berlin: Athena, 2007.

ORTIZ, Renato (1994). Mundialização e Cultura. Sao Paulo: Brasiliense

ORTIZ, Renato (1997). Modernidad-Mundo e Identidades. In: Estudios sobre las Culturas Contemporáneas. Revista Época II, V. III, n. 5. Colima, Mexico: Universidad de Colima, junho, p. 97-108.

VERÓN, Eliseo (2004). Fragmentos de um Tecido. Trad. Vanise Dresch. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos.

Recebido em 30.08.2014. Aceito em 12.12.2014.